

***Vamos brincar de quê?  
Cuidado e educação no desenvolvimento infantil***

de Daniele Nunes Henrique Silva  
e Fabrício Santos Dias de Abreu (Org.)

São Paulo: Summus, 2015.

(Imaginar e Criar na Educação Infantil). 158 p.

**Ligia de Carvalho Abões Vercelli**

Doutora em educação. Professora do Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais da Universidade Nove de Julho (Progepe/Uninove)  
ligia@uninove.br

A presente obra pertence à coleção *Imaginar e Criar na Educação Infantil* e foi organizada por Daniele Nunes Henrique Silva e Fabrício Santos Dias de Abreu. É composta por seis capítulos, sendo que cada um deles foi escrito por diferentes autores. Trata-se de uma coletânea que discute a relevância do ato de brincar para as crianças pequenas, sob a perspectiva histórico-cultural.

O prefácio, cujo título é “Das artes do brincar: seu papel no desenvolvimento cultural da criança”, foi escrito por Ana Luiza Bustamante Smolka, docente da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), que destaca, como importantes, os seguintes aspectos discutidos no livro: “o brincar como atividade criadora, lócus de elaboração (d)e vivência de papéis e posições sociais; a brincadeira como meio/modo de apropriação, mas sobretudo de criação e (trans)formação da cultura; a importância da mediação e do olhar interpretativo – imaginativo – dos adultos nos gestos de ensinar; as intrínsecas articulações entre emoção, memória, imaginação na constituição dramática da personalidade, do psiquismo humano” (p. 15-16).

O primeiro capítulo, intitulado “A constituição cultural da criança e a brincadeira: contribuições e responsabilidades da educação infantil”,

de autoria de Ivone Martins de Oliveira e Anna Maria Lunardi Padilha, discute as contribuições da educação infantil para a constituição cultural da criança, sobretudo no que diz respeito ao brincar como prática social. As autoras ressaltam que o objetivo maior dessa etapa de ensino é a promoção de condições para o desenvolvimento integral das crianças, e que o desenvolvimento cultural pressupõe a entrada delas no mundo simbólico; portanto, faz-se necessário que os professores reflitam sobre seu papel nesse processo. Apresentam um breve histórico sobre o papel da escola para os pequenos, desde Comênio até a atualidade, apontando que ainda hoje existem práticas pedagógicas polarizadas a respeito da educação de crianças pequenas, ora sob uma perspectiva assistencialista, que entende que a educação infantil deva estar pautada no cuidar, sobretudo, para as camadas populares, ora sob uma perspectiva escolarizante que entende a educação infantil como preparação das crianças para o ingresso no ensino fundamental. E o brincar, como fica? Para trabalhar essa questão, as autoras recorrem, principalmente, a Vygotsky e a Leontiev, abordando de que forma esses autores concebem o desenvolvimento psíquico da criança e a importância da atividade lúdica para a resolução de conflitos pessoais, na construção do eu e no desenvolvimento das funções mentais superiores, tais como pensamento, linguagem e imaginação. Além disso, as autoras discutem a brincadeira na educação infantil, a prática pedagógica e o papel do professor. As autoras, citando Sitta (2008, p. 115), salientam que “[...] não basta a escola ter espaços físicos amplos e de qualidade se a professora não os utiliza como mediadores, organizando-os de maneira que as crianças possam explorá-los ao máximo em suas brincadeiras”. Entendemos que tal discussão se torna extremamente pertinente, uma vez que os espaços das creches e pré-escolas não são utilizados como um todo, limitando, dessa forma, a criatividade infantil.

Clícia Assumpção Martarello de Conti, no segundo capítulo, denominado “A infância e o brincar”, alerta pais e professores para o risco da desconstrução do conceito de infância na contemporaneidade e para a necessidade de sua ressignificação. Para tal, a autora discorre sobre a construção social da infância, tomando por base a obra “A história social da criança e da família”, de Philippe Ariès, e sobre as necessidades emocionais das crianças. A autora discorre sobre o desenvolvimento emocional da criança e o papel do adulto nesse processo. Aponta, de uma maneira muito agradável, crítica e com linguagem clara, alguns aspectos importantes da infância contemporânea que contribuem para sua desconstrução. Em seguida, a autora apresenta o brincar sob a perspectiva psicanalítica de Winnicott, e encerra apontando qual seria o papel do educador nes-

se processo. Esse capítulo é de muita riqueza, uma vez que, dificilmente, encontramos livros na área da educação que discutem a importância do brincar, sob o viés psicanalítico. No meu entendimento, tal enfoque permite que o leitor entenda como ocorre a constituição do mundo objetivo percebido e do mundo subjetivo concebido, além do conceito de transacionalidade cunhados pelo autor e que são de suma importância para a prática pedagógica.

No terceiro capítulo, intitulado “O brincar na educação infantil e o desenvolvimento cultural da criança”, Maria Nazaré da Cruz inicialmente comenta algo que me parece fundamental e que se faz necessário repensar na educação infantil. A autora, citando Martins e Cruz (2008, p. 169), ressalta que, embora educadores, pesquisadores e documentos oficiais apontem a importância da atividade lúdica nessa etapa de ensino “[...] nem sempre encontraremos a mesma relevância no cotidiano pedagógico das instituições responsáveis pela educação da infância”. Apresenta os fatores que impedem que a ludicidade aconteça e problematiza algumas tensões enfrentadas pelos professores no cotidiano da educação infantil que possivelmente dificultam o trabalho com a brincadeira em creches e pré-escolas. Para a autora, tais tensões derivam de visões contraditórias sobre o brincar, ora como uma atividade entendida como sendo espontânea da criança dispensando qualquer intervenção do adulto, ora como meio de aprendizagem de diferentes conteúdos e/ou habilidades. A autora discute, no decorrer do capítulo, como a brincadeira da criança se constitui e se desenvolve, destacando a importância do adulto ou parceiro mais experiente nesse processo. Em seguida, aponta o papel da brincadeira de faz de conta no desenvolvimento cultural da criança, revelando aspectos referentes à cognição, imaginação e constituição da subjetividade. Termina o capítulo refletindo sobre a brincadeira na prática docente da educação infantil, problematizando a tensão entre o brincar como atividade constitutiva do processo de desenvolvimento cultural da criança e o brincar pedagogizado. Tal aspecto é discutido de maneira crítica, o que possibilita aos professores e futuros professores uma visão da brincadeira nessa etapa da educação como fator preponderante do desenvolvimento infantil, levando-os a tomar ciência do seu papel enquanto profissionais responsáveis pelos pequenos.

Silviane Barbato e Gabriela Sousa de Melo Mieto, no quarto capítulo, intitulado “O brincar, a construção de conhecimentos e a convivência”, discutem as articulações entre o brincar e os processos de construção de conhecimento em contexto escolar, pautando-se na seguinte pergunta: “Afim, por que é importante brincar na escola? Para responder, as autoras trazem situações reais vividas no cotidiano da escola de educação infantil,

apresentando as três funções do brincar, a saber: como fruição da imaginação, como atividade-ponte entre o conhecimento informal do cotidiano e o formal apresentado na escola e como mediação do aprendizado de algum conhecimento específico. O capítulo também aborda as interações inclusivas entre pares e os recursos que podem enriquecer a experiência do brincar, tais como as novas tecnologias de informação e comunicação (TICs).

Daniele Nunes Henrique Silva, Marina Teixeira Mendes de Souza Costa e Fabrício Santos Dias de Abreu, no quinto capítulo, denominado “Imaginação no faz de conta: o corpo brinca”, destacam que até recentemente as escolas, de modo geral, em função de vários fatores, não valorizavam em suas práticas pedagógicas a vivência criadora, sensível e estética de crianças e professores. Ressaltam que, a partir da década de 1990, o cenário se modificou, uma vez que a concepção de infância adotada articula o cuidar e o educar, possibilitando que os pequenos criem e produzam fazendo uso de narrativas, desenho, brincadeiras etc. Para abordar a origem da imaginação, os autores recorrem a Vygotsky e a Leontiev, os quais a explicam apontando as quatro leis gerais entre o real e a fantasia, a saber: a forma em que pensamos são compostas por elementos retirados da realidade concreta; a relação entre realidade e fantasia se estabelece por meio de produtos da imaginação, que criam imagens amalgamadas a fenômenos complexos da realidade; o aspecto emocional como vínculo entre a realidade e a fantasia e, por último, a relação entre o real e a fantasia fundamenta-se no princípio explicativo da originalidade, isto é, a imaginação pode ser inédita não associada à experiência anterior. A riqueza do capítulo se encontra nos quatro episódios apresentados pelos autores com o objetivo de apontar como a criança se relaciona com o brincar.

Lavínia Lopes Salomão Magiolino, no sexto e último capítulo, denominado “Afetividade, imaginação e dramatização na escola: apontamentos para uma educação (est)ética”, analisa a dramatização no processo da constituição subjetiva e explora as relações existentes entre emoção, sentimento e fantasia na brincadeira, bem como problematiza os modos de sentir e de se expressar no espaço escolar. Para fundamentar suas ideias, a autora recorre a Vygotsky, Bakhtin e Wallon. Apresenta o teatro como uma atividade criadora e como arte, técnica social das emoções. Faz uma crítica às escolas que utilizam metodologias de ensino e atividades com o objetivo de controlar as emoções das crianças. Tal aspecto, atualmente tão discutido por muitos pesquisadores, vai de encontro com a concepção de criança proposta pelos autores desse livro e da qual compartilhamos. Este capítulo discute o significado das emoções para esses três autores e a importância da

dimensão afetiva e sua relação com a fantasia e a imaginação. Além disso, a autora discute a dramatização como expressão das emoções.

O livro aborda o brincar de uma forma séria e crítica, porém leve. Por ser a principal atividade da criança, os autores apresentam aos professores de educação infantil e das primeiras séries dos anos iniciais subsídios fundamentais para uma prática pedagógica que esteja voltada às necessidades da infância, que não dicotomize o cuidar do educar e, principalmente, que valorize a criança em todos os seus aspectos, uma vez que ela se desenvolve por meio da mediação com seus pares e seus professores.

